



Os Últimos Sobreviventes

A vida como ela era

Susan Beth Pfeffer



BB
BERTRAND BRASIL

Uma das melhores
séries para os fãs de
Jogos Vorazes

SÉRIE

OS ÚLTIMOS SOBREVIVENTES

A VIDA COMO ELA ERA
OS VIVOS E OS MORTOS
O MUNDO EM QUE VIVEMOS
A SOMBRA DA LUA

SUSAN BETH PFEFFER

A VIDA
COMO ELA ERA

Tradução
Ana Resende

B
BERTRAND BRASIL

Rio de Janeiro | 2014

Copyright © 2008 by Susan Beth Pfeffer

Título original: *Life as We Knew It*

Capa: Tadeu Costa

Imagem de capa: © Christopher Fitcher /© parameter /© photographer3431 | iStockphoto

Ilustração de miolo: Tadeu Costa

Editoração da versão impressa: FA Studio

Texto revisado segundo o novo Acordo Ortográfico da Língua Portuguesa

2014

Impresso no Brasil

Printed in Brazil

Cip-Brasil. Catalogação na publicação
Sindicato Nacional dos Editores de Livros. RJ

P624v

Pfeffer, Susan Beth, 1948-

A vida como ela era [recurso eletrônico] / Susan Beth Pfeffer ; tradução Ana Resende. - 1. ed. - Rio de Janeiro : Bertrand Brasil, 2014.

recurso digital (Os últimos sobreviventes ; 1)

Tradução de: *Life as we knew it*

Continua com: Os vivos e os mortos

Formato: ePUB

Requisitos do sistema: Adobe Digital Editions

Modo de acesso: World Wide Web

ISBN 978-85-286-1993-5 (recurso eletrônico)

1. Ficção americana. 2. Livros eletrônicos. I. Resende, Ana. II. Título. III. Série.

15-19519

CDD: 813

CDU: 821.111(73)-3

Todos os direitos reservados pela:

EDITORA BERTRAND BRASIL LTDA.

Rua Argentina, 171 — 2º. andar — São Cristóvão — 20921-380 — Rio de Janeiro — RJ

Tel.: (0xx21) 2585-2070 — Fax: (0xx21) 2585-2087

Não é permitida a reprodução total ou parcial desta obra, por quaisquer meios, sem a prévia autorização por escrito da Editora.

Atendimento e venda direta ao leitor:
mdireto@record.com.br ou (0xx21) 2585-2002

Para Marci Hanners e Carol Pierpoint



PRIMAVERA

UM



7 de maio

Lisa está grávida.

Papai ligou por volta das 11h para dar a notícia. Mamãe acabara de levar Jonny para o treino de beisebol, Matt ainda não voltou da faculdade, claro, e eu estava sozinha para ouvir a grande novidade.

— O bebê vai nascer em dezembro — gabou-se meu pai, como se fosse o primeiro homem na história do mundo com uma segunda mulher mais nova prestes a ter um bebê. — Não é demais?! Você vai ganhar um irmãozinho ou uma irmãzinha. Claro, ainda é muito cedo para dizer o que vai ser. Mas, assim que soubermos, vamos contar para vocês. Eu não me importaria de ter outra filha. A primeira cresceu de forma tão maravilhosa. Você gostaria de ter uma irmãzinha?

Eu não tinha ideia.

— Quando vocês descobriram? — perguntei.

— Ontem à tarde — respondeu ele. — Eu teria ligado imediatamente, mas, bem, nós fomos comemorar. Você entende, não é, querida? Um tempinho só para mim e para Lisa antes de o mundo saber.

— Claro, papai — falei. — Lisa já contou para a família dela?

— Foi a primeira coisa que fez hoje de manhã — respondeu. — Os pais dela estão superanimados com o primeiro neto. Eles vêm passar algumas semanas aqui em julho, antes de você e Jonny virem.

— Você vai ligar para o Matt para contar? — perguntei. — Ou quer que eu faça isso?

— Ah, não, pode deixar que eu ligo — disse. — Ele está ocupado estudando para os exames finais e vai ficar feliz com a interrupção.

— É uma ótima notícia, papai — observei, porque sabia que era o que devia fazer. — Não se esqueça de dizer a Lisa que estou muito feliz por ela. E por você também. Pelos dois.

— Diga você — disse papai. — Vou passar o telefone para ela.

Papai cobriu o fone por um segundo para que pudesse sussurrar algo para Lisa e então ela pegou o aparelho.

— Miranda — exclamou —, não é maravilhoso?!

— Muito — respondi. — É uma novidade maravilhosa. Fico muito feliz por você e por papai.

— Eu estive pensando... — disse ela. — Bem, sei que ainda é muito cedo e nem discuti isso com seu pai, mas gostaria de ser a madrinha do bebê? Você não precisa responder agora, mas pense sobre isso, está bem?

Esse é meu problema com Lisa. Sempre que eu quero sentir raiva dela ou ficar irritada — porque ela realmente pode ser muito irritante —, ela faz alguma coisa legal. E então eu entendia por que papai tinha se casado com ela.

— Claro que vou pensar — disse. — Você e papai devem pensar também.

— Nós não precisamos mais pensar sobre isso — respondeu ela. — Você precisa ver o brilho nos olhos de seu pai. Acho que ele não poderia estar mais feliz.

— Eu não poderia — confirmou papai, e eu percebi por sua gargalhada que ele tirara o telefone de Lisa. — Miranda, por favor, diga que sim.

Significaria muito para nós se você fosse a madrinha do bebê.

Então eu disse que sim. Não poderia dizer que não.

Depois disso, jogamos conversa fora por algum tempo. Contei-lhe sobre o último treino de natação e como estava me saindo na escola. Mamãe ainda não tinha voltado quando finalmente desliguei o telefone. Por isso, entrei na internet para ver as novidades na patinação artística. O assunto do momento na página dos fãs de Brandon Erlich era a possibilidade de ele ganhar o ouro olímpico. A maioria das pessoas acredita que ele não vencerá, mas muitos de nós achamos que ele tem uma chance real de receber medalhas. O gelo é escorregadio, e nunca se sabe.

Acho que gostaria de ter aulas de patinação novamente. Senti falta delas nos últimos anos e, além disso, é uma chance de ter notícias de Brandon. Ele não treina mais com a sra. Daley, mas aposto que ela fica sabendo das novidades. E talvez a mãe de Brandon apareça no rink.

Quando mamãe chegou, tive que lhe contar sobre Lisa. Ela só comentou que era uma boa notícia e que sabia que os dois queriam filhos. Ela e papai realmente se esforçam para manter um “bom divórcio”. Matt diz que, se eles tivessem se esforçado assim no casamento deles, ainda estariam juntos. Eu não disse a ela que serei a madrinha (supondo que Lisa não mude de ideia, o que ela é bem capaz de fazer). Sinto-me mal por ser a madrinha e ninguém ter falado nada sobre Matt ou Jonny serem padrinhos. Claro, Lisa e Matt não se dão muito bem e, talvez, aos 13 anos, Jonny seja muito novo para isso.

Espero que Lisa mude de ideia e eu não tenha que lidar com esse problema.

8 de maio

Hoje não foi o melhor Dia das Mães.

Eu já tinha dito à mamãe que faria o jantar e ela resolveu convidar a sra. Nesbitt. Não fiquei surpresa, mas, se mamãe convidou a sra. Nesbitt, eu também poderia chamar Megan e a mãe dela. Quando Jonny descobriu que seríamos eu, mamãe, a sra. Nesbitt, Megan e a sra. Wayne, disse que eram muitas mulheres juntas num lugar só, e que ele iria jantar na casa de Tim.

Mamãe sempre acha bom Jonny visitar Tim e sua família, porque lá são três garotos e o pai de Tim está sempre presente. Ela disse que, se os pais dele concordassem, não teria problema.

Liguei para Megan e pedi que trouxesse as anotações de história para estudarmos juntas para a prova, e ela concordou.

E é por isso que estou zangada com ela. Se ela não tivesse dito que sim, seria uma coisa. Mas ela disse que viria e eu fiz bolo de carne para cinco pessoas, além de salada. E, então, pouco antes de começar a arrumar a mesa, Megan me ligou e disse que tinha resolvido ficar na igreja e fazer alguma coisa com o grupo jovem. Ela confundiu as datas. E sua mãe não queria vir sem ela. Por isso, seriam duas pessoas a menos para o jantar de domingo, e ela esperava que eu não me importasse.

Bem, eu me importo. Eu me importo porque estava ansiosa para jantarmos juntas e para estudar com ela. Também achei que seria bom se minha mãe conversasse com a sra. Nesbitt e a sra. Wayne sobre o bebê de Lisa. A sra. Wayne pode não ser a melhor amiga da minha mãe, mas ela é engraçada e a teria feito rir.

Megan tem passado muito tempo na igreja. Ela vai ao culto todo domingo, mas nunca ia antes. E agora faz coisas com o grupo jovem pelo menos duas vezes por semana e, às vezes, até mais. Ela fala muito sobre como encontrou Deus, mas acho que tudo que ela encontrou foi o reverendo Marshall. Ela se refere a ele como se fosse um astro de cinema. Eu lhe disse isso uma vez, e ela respondeu que é assim que falo de Brandon, como se fosse a mesma coisa, o que não é verdade. Muita gente acha que Brandon é o

melhor patinador dos Estados Unidos atualmente. E, além disso, eu não falo dele o tempo inteiro nem ajo como se ele fosse a minha salvação.

O jantar estava bom, a não ser pelo fato de que cozinhei demais o bolo de carne e ele ficou um pouco seco. Mas a sra. Nesbitt nunca economiza no ketchup mesmo. Depois de algum tempo, eu as deixei sozinhas, e acho que conversaram sobre Lisa e o bebê.

Queria que já fosse verão. Mal posso esperar para tirar minha carteira de motorista.

Também queria já ter acabado de estudar para a prova de história. CHATO!

Mas melhor voltar para os estudos. Sem notas boas, sem carteira. São as Regras de Minha Mãe.

11 de maio

Tirei 92 na prova de história. Poderia ter feito melhor.

Mamãe levou Horton ao veterinário. Está tudo bem, mas fiquei um pouco preocupada porque ele já tem 10 anos. Quanto tempo vivem os gatos?

Sammi contou que ela vai ao baile de formatura com Bob Patterson. Eu sei que não deveria sentir inveja, mas sinto. Não porque eu goste de Bob (para ser sincera, acho que ele é meio esquisito), mas porque ninguém me convidou. Às vezes, acho que nunca vão fazer isso. Vou passar o resto da vida sentada em frente ao computador, postando mensagens sobre Brandon Erlich e o futuro dele na patinação artística.

Conversei com Megan sobre Sammi e sobre como ela sempre é convidada para encontros, e Megan me respondeu: “Bem, isso acontece porque sempre há um homem em cima de Samantha.” Depois de me recuperar do choque, acabei rindo. Mas ela logo estragou tudo voltando a ser a nova Megan carola e falando sobre como sexo antes do casamento é pecado e que não se deve sair

com rapazes apenas por sair, mas porque se tem certeza de querer assumir um compromisso para toda a vida.

Eu tenho 16 anos. Primeiro, quero tirar a carteira de motorista. Depois, me preocupo com compromissos para toda a vida.

12 de maio

Fui dormir de mau humor, e hoje tudo piorou.

Na hora do almoço, Megan falou para Sammi que ela iria para o inferno se não se arrependesse de seus pecados logo. Sammi ficou muito brava (eu não a culpo) e gritou com Megan, dizendo que ela era uma pessoa muito espiritual e não precisava de suas lições sobre o que Deus queria, porque sabia que Deus queria que ela fosse feliz e que, se Deus não quisesse que as pessoas transassem, Ele teria criado apenas amebas.

Achei aquilo muito engraçado, mas Megan não gostou e as duas acabaram brigando.

Não me lembro da última vez que almoçamos juntas e nos divertimos. Quando Becky ainda estava bem, nós quatro fazíamos tudo juntas, e depois que Becky adoeceu, ficamos mais próximas ainda. Megan, Sammi ou eu a visitávamos em casa e no hospital quase todos os dias e telefonávamos ou enviávamos e-mails umas para as outras para contarmos como ela estava. Não acho que suportaria o funeral de Becky sem elas. Mas, desde então, Sammi e Megan mudaram. Sammi começou a sair com todo tipo de rapazes e Megan se envolveu com a igreja. As duas mudaram muito no último ano, mas parece que eu continuo a ser a mesma garota que sempre fui.

Aqui estou eu, no primeiro ano do ensino médio, e esses deveriam ser os melhores anos da minha vida, mas estou simplesmente estagnada.

Mas a verdadeira razão do meu mau humor é que tive uma briga feia com mamãe.

Começou depois do jantar. Jonny tinha ido para o quarto terminar o dever de casa, e mamãe e eu estávamos colocando a louça na máquina quando ela comentou que iria jantar com o dr. Elliott na noite seguinte.

Por um breve instante, senti inveja de mamãe porque até ela tem uma vida social. Mas passou rápido. Gosto do dr. Elliott, e minha mãe não se envolve com ninguém há algum tempo. Além disso, sempre é melhor lhe pedir favores quando está de bom humor. E foi isso que fiz.

— Mãe, posso ter aulas de patinação?

— Apenas no verão? — perguntou ela.

— E no ano que vem também — disse. — Se eu quiser continuar.

— Depois que seu tornozelo melhorou, você disse que não iria mais patinar — observou ela.

— O médico disse que eu não poderia pular durante três meses — lembrei. — E depois não daria mais tempo para competir. Por isso, parei. Mas agora eu queria patinar apenas por diversão. Achei que você gostasse de me ver praticando esportes.

— Eu gosto — respondeu, mas o modo como bateu a porta do lava-louça deixou claro que ela não gostava tanto quanto eu pensava. — Mas você tem a natação e quer entrar para a equipe de vôlei no outono. Você não pode praticar três esportes. Dois provavelmente já seria muito, principalmente se quiser trabalhar no jornal da escola.

— Então vou patinar em vez de jogar vôlei — disse. — Mãe, eu conheço meus limites. Mas adoro patinar. Não entendo por que você não quer deixar.

— Se eu achasse que a única razão era essa, até poderíamos conversar — respondeu minha mãe. — Mas aulas de patinação são muito caras e acho que você só quer fazê-las para fofocar sobre Brandon Erlich na internet.

— Mãe, Brandon nem patina mais aqui! — gritei. — Ele está treinando na Califórnia agora.

— Mas os pais dele ainda moram aqui — observou ela. — E você iria querer que a sra. Daley a treinasse.

— Não sei nem se ela me aceitaria — disse. — O problema é dinheiro, não é? Você pode mandar Jonny para o acampamento de beisebol no verão, mas não tem dinheiro para eu ter aulas de patinação.

Mamãe ficou de todas as tonalidades possíveis de vermelho e então nós realmente começamos a discutir. Ela gritou comigo sobre dinheiro e responsabilidades e eu gritei com ela sobre o fato de não gostar de mim como gosta de Matt e Jonny (o que sei que não é verdade, mas ela estava errada em dizer que eu não entendia nada sobre dinheiro nem responsabilidades). Fizemos tanto barulho que Jonny saiu do quarto para ver o que estava acontecendo.

Mamãe veio até meu quarto uma hora depois e nós duas nos desculpamos. Ela falou que iria pensar sobre as aulas de patinação e que achava que vôlei seria uma opção melhor para a faculdade, porque eu poderia entrar para a equipe universitária se jogasse bem.

Ela não disse que eu nunca seria boa o suficiente na natação para uma equipe universitária, o que, na verdade, foi até legal da parte dela. Do jeito que as coisas vão, eu nunca vou ser boa o suficiente em nada.

E também não gosto muito das minhas duas melhores amigas ultimamente.

Além disso, ainda tenho prova de matemática amanhã, e nem posso fingir que já estudei.

Queria já estar na faculdade. Não sei como vou aguentar as próximas duas semanas, que dirá três anos no ensino médio.

13 de maio

Sexta-feira 13. Bem, as coisas não foram tão mal.

A prova de matemática não foi tão difícil quanto eu pensava.

Mamãe disse que, se eu quiser, posso ter aulas de patinação em julho. E, de qualquer modo, passarei o mês de agosto com papai. Depois, se eu quiser continuar, conversaremos novamente.

Megan almoçou com os amigos da igreja (eu não gosto de nenhum deles), e Sammi, com o namorado da semana. Por isso, acabei comendo com alguns colegas da equipe de natação, o que foi muito mais divertido do que ouvir Megan e Sammi discutindo sobre Deus. Dan, que será o capitão no ano que vem, disse que eu tinha uma braçada de crawl muito boa e que ele achava que, se eu treinasse, poderia participar dos revezamentos na próxima temporada.

E gosto de Peter (ele disse para Jonny e eu o chamarmos assim, que dr. Elliott é como o chamam no consultório). Alguns dos homens com quem mamãe saiu se esforçavam para lidar com a gente, mas Peter pareceu muito tranquilo. Mas não com a mamãe. Na verdade, ele gaguejou ao conversar com ela, tropeçou e quase caiu. Mas riu de si mesmo e falou que não era tão descuidado assim quando operava alguém.

Ele perguntou se nós ficamos sabendo sobre o asteroide e a Lua. Minha mãe se lembrou de ter ouvido algo a respeito, porque foi uma notícia importante quando os astrônomos anunciaram o que iria acontecer. Um asteroide vai colidir com a Lua, e Peter ouviu no rádio, enquanto dirigia até aqui, que ele estará visível à noite na próxima semana. Perguntei à mamãe se podíamos procurar o telescópio de Matt, e ela disse que deveríamos perguntar a ele, mas que tinha certeza de que não haveria problema.

Jonny e eu não discutimos por causa do computador depois que mamãe saiu. Eu queria ver um programa na tevê das 20h às 21h e ele queria ver outro das 21h às 22h, por isso deu tudo certo. O pessoal no fórum ainda estava discutindo se Brandon precisaria de dois saltos de quatro voltas para ganhar os Jogos Olímpicos ou se poderia vencer com apenas um.

Seria incrível se Brandon ganhasse uma medalha de ouro. Aposto que haveria um desfile e tudo o mais.

Já são 23h e mamãe ainda não voltou para casa. Acho que ela e Peter estão admirando a Lua.

15 de maio

Passei o fim de semana fazendo o trabalho de inglês.

Papai telefonou de manhã.

Matt falou que podemos usar o telescópio. Ele estará em casa em algumas semanas e jurou que vai me ensinar a dirigir.

Jonny foi nomeado o melhor jogador do ensino fundamental da semana.

16 de maio

De repente, a história da Lua é a coisa mais importante do mundo. Ou é isso, ou meus professores estão tão entediados com os trabalhos escolares quanto nós.

Eu até entenderia se estivéssemos aprendendo sobre astronomia. Mas durante as aulas de francês? Madame O'Brien nos fez falar sobre la lune durante toda a aula. E quer que a gente escreva uma redação sobre a Lua para a sexta-feira, porque na quarta à noite todos vamos estar do lado de fora de nossas casas para observar sua colisão com o asteroide.

Sammi disse que sempre acaba chovendo quando fazem um grande estardalhaço por causa de um eclipse ou de uma chuva de meteoros.

Mas não é só madame O'Brien que está empolgada com o asteroide. Na aula de inglês de hoje, discutimos a origem da palavra lunar. Eddie fez uma piada com lunático, mas o sr. Clifford estava tão animado com a origem das

palavras que nem se aborreceu. Em vez disso, falou sobre gírias e metáforas que fazem referência à astronomia e também passou um novo trabalho. Podemos escrever sobre qualquer tema que se relacione à Lua. Para sexta-feira, claro.

Acho que a srta. Hammish também acredita que a situação da Lua é histórica porque, na aula de história, falamos sobre isso. Sobre como as pessoas, ao longo do tempo, observaram a Lua, os cometas e os eclipses. Na verdade, foi até interessante. Nunca pensei muito sobre o fato de que a Lua que vejo é a mesma que Shakespeare, Maria Antonieta, George Washington e Cleópatra viram. Para não mencionar os zilhões de pessoas de que nunca ouvi falar. Todos os Homo sapiens e Neandertais olharam para a mesma Lua que eu olho. Ela também aparecia e desaparecia do céu deles.

Claro que a srta. Hammish não se contentou em nos inspirar desse jeito. Ela também passou um trabalho. Podemos escrever uma redação sobre a astronomia no passado e como ela afetou alguém na história (por exemplo, se uma pessoa viu um cometa e teve medo dele ou profetizou alguma coisa) ou um artigo sobre o que vai acontecer na noite de quarta-feira.

De um jeito ou de outro, é para sexta-feira.

Não consigo entender os professores. Se eles conversassem um com o outro, pelo menos um deles perceberia como é injusto passar tantas tarefas para o mesmo dia. Eu não me importaria se soubesse como fazer um único trabalho para várias disciplinas: escrever, por exemplo, a redação para história e traduzi-la para o francês (talvez eu pudesse fazer isso se meu francês fosse bom o bastante, mas não é). Mas não sei como fazer dois pelo preço de um, então acho que terei que escrever três textos diferentes (um deles em francês) e entregar todos na sexta-feira.

Até lá, estarei de saco cheio da Lua.

Parece que tudo vai acontecer por volta das 21h30 de quarta-feira, e mamãe ficou tão interessada que assistimos ao noticiário da noite. Disseram

que asteroides atingem a Lua com bastante frequência e que é por isso que ela tem crateras, mas esse asteroide será o maior a acertá-la até hoje. Se for uma noite de céu claro, será possível ver o impacto quando acontecer, talvez a olho nu, e certamente com binóculo. O jornal fez tudo parecer bastante dramático, mas eu ainda não acho que isso justifique três deveres de casa.

Mamãe assistiu ao noticiário local também — o que ela nunca faz, pois diz que as notícias são deprimentes —, e a previsão é de uma noite muito bonita. Céu claro e temperatura abaixo de 15 graus. Também disseram que, em Nova York, as pessoas estão organizando festas no Central Park e nos telhados dos prédios. Perguntei à mamãe se podíamos fazer uma e ela disse que não, mas provavelmente os nossos vizinhos estarão assistindo a tudo na rua, e será como se fizéssemos uma festa no quarteirão.

Eu não sei se vai ser interessante, mas, comparado a todo o resto em minha vida, pelo menos é algo diferente.

17 de maio

Tirei 82 na prova de matemática. Eu poderia ter acertado pelo menos outras quatro questões, mas cometi erros bobos.

Sei que a mãe de Sammi não olha suas notas há anos e que a de Megan sempre se preocupou com suas companhias, mas não acho que se importe muito com seu boletim. Sobrou para mim ficar com a mãe que trabalha em casa e tem tempo livre suficiente para verificar as coisas, me vigiar e pedir para ver as provas.

Não brigamos pela nota (afinal, alcancei a média), mas mamãe me deu um de seus famosos sermões do tipo “Você não deveria ser tão distraída”, que ela repete pelo menos uma vez por semana, talvez mais se estiver inspirada.

Minha mãe disse que, já que sou tão distraída etc., pode ser uma boa ideia adiantar os trabalhos sobre a Lua, ainda mais porque eles não precisam ser sobre o que vai acontecer amanhã.

Ela sugeriu escrever sobre a chegada na Lua, em 1969. Então pesquisei no Google e descobri que muita gente não se importou com o fato de que homens pisaram lá. Todos assistiam a *Jornada nas Estrelas* (a série original, com aqueles efeitos especiais ruins quando diziam “Preparar teletransporte, Scotty”) e estavam acostumados a ver o capitão Kirk e o Spock viajando pelo universo, por isso ver pessoas reais andando na Lua real não pareceu tão emocionante.

Acho isso engraçado. Pela primeira vez na história, homens estavam pisando na Lua e as pessoas preferiram assistir ao dr. McCoy dizendo “Ele está morto, Jim” pela milésima vez.

Eu não sabia muito bem como transformar isso em uma redação, mas mamãe e eu conversamos sobre como a ficção pode ser mais poderosa que a realidade e como, em 1969, havia muito cinismo por causa do Vietnã e dos anos 1960 etc., e que muita gente não acreditou que os homens estiveram realmente na Lua e achou que tudo aquilo era uma fraude.

Acho que vou escrever a redação em francês sobre o que vai acontecer amanhã à noite porque meu francês ainda não é bom o bastante para coisas como fraudes e cinismo. Para a aula de inglês, vou me concentrar em como a ficção pode ser mais emocionante que a realidade e, para história, falarei sobre como as pessoas na década de 1960 eram cínicas em relação ao que o governo lhes dizia.

Contei à mamãe que Sammi disse que com certeza vai chover amanhã à noite, pois sempre chove quando algo importante está para acontecer no céu. Ela riu e disse que não conhece nenhuma outra garota de 15 anos tão pessimista.

Estarei com papai quando Sammi fizer 16 anos. Tenho a impressão de que, se ela fizer uma festa, vai ter apenas garotos, então não acho que ela vá se importar.

Perto das 22h, aconteceu uma coisa meio esquisita. Eu estava escrevendo meu trabalho e mamãe estava brigando com Jonny para ele ir para a cama, quando o telefone tocou. Nunca recebemos ligações tão tarde, por isso todos pulamos. Atendi primeiro e ouvi a voz de Matt.

— Está tudo bem? — perguntei.

Matt nunca liga tão tarde e quase nunca à noite, durante a semana.

— Está — respondeu ele. — Só queria ouvir as vozes de vocês.

Falei para mamãe que era Matt. Jonny pegou o telefone da cozinha, e ela, o do quarto. Nós lhe contamos como estavam as coisas (eu reclamei sobre os três trabalhos sobre a Lua), e ele nos contou o que faltava fazer na faculdade. Em seguida, ele e mamãe conversaram sobre os preparativos para sua volta para casa.

Eram assuntos perfeitamente normais, mas algo não parecia certo. Jonny desligou primeiro e, em seguida, foi a vez de minha mãe. Mas consegui fazer com que Matt ficasse na linha por mais um minuto.

— Você tem certeza de que está tudo bem? — perguntei.

Ele fez uma pausa antes de dizer:

— Estou com uma sensação estranha. Acho que é essa história da Lua.

Era sempre Matt que me explicava as coisas. Mamãe tinha que escrever e cuidar de Jonny, e papai estava sempre no trabalho (enquanto morava por aqui), por isso era Matt quem eu procurava. Não acho que ele seja vidente, talvez isso aconteça apenas porque ele é três anos mais velho que eu. Mas, sempre que eu tinha uma dúvida, ele parecia ter a resposta.

— Você acha que algo vai dar errado? — perguntei. — Não é como se o meteoro fosse atingir a Terra. Só a Lua.

— Eu sei — respondeu ele. — Mas as coisas podem ficar meio agitadas amanhã à noite. As linhas telefônicas podem ficar congestionadas com as pessoas ligando umas para as outras. Algumas vezes, elas entram em pânico mesmo sem motivo.

— Você acha mesmo que as pessoas vão entrar em pânico? — perguntei. — Por aqui, parece apenas uma desculpa para os professores passarem mais trabalhos.

Matt riu.

— Os professores não precisam de desculpa para isso — argumentou. — De todo modo, imaginei que fosse encontrar todos vocês em casa hoje à noite e que seria uma boa chance de dar um alô.

— Sinto sua falta — disse. — Estou feliz por você voltar para casa.

— Eu também — respondeu ele, fazendo uma pausa. — Você ainda escreve naquele diário?

— Claro! — respondi.

— Ótimo! — disse ele. — Escreva sobre o dia de amanhã. Talvez você se divirta lendo todos os detalhes daqui a vinte anos.

— Você só quer que eu registre suas frases inteligentes — respondi. — Para seus muitos biógrafos.

— Ah, também serve para isso — considerou. — Vejo vocês daqui a alguns dias.

Quando desligamos, não sabia dizer se me sentia melhor ou pior por ele ter ligado. Se Matt está preocupado, então também estou preocupada.

Mas talvez ele apenas esteja preocupado em sobreviver aos trabalhos e às provas.

DOIS



18 de maio

Algumas vezes, quando mamãe está se preparando para escrever um livro, ela diz que não sabe por onde começar, que o final está tão claro para ela que o início não parece mais importante. Eu me sinto assim agora, só que não sei como tudo isso vai terminar e nem mesmo qual será o final desta noite. Estamos tentando ligar para o telefone fixo e para o celular de papai há horas e tudo o que conseguimos ouvir são aqueles sinais de ocupado acelerados, indicando que os circuitos estão congestionados. Não sei durante quanto tempo mais mamãe continuará tentando ou se nós falaremos com ele antes que eu durma. Se eu dormir.

A manhã de hoje parece que foi há um milhão de anos. Lembro-me de ver a Lua no céu ao amanhecer. Era apenas uma metade, mas estava perfeitamente visível. Fitei-a, pensando sobre como o meteoro de hoje à noite colidiria contra ela e como isso seria emocionante.

Mas não conversamos sobre isso no ônibus para a escola. Sammi reclamou das regras para o baile: não podemos usar nada muito curto nem tomara que caia, mas ela quer um vestido que possa usar ao sair à noite.

Megan entrou no ônibus com alguns dos amigos da igreja e eles se sentaram juntos. Talvez tenham conversado sobre o meteoro, mas acho que

apenas rezaram. Às vezes, eles fazem isso no ônibus, ou leem versículos da Bíblia.

O dia na escola foi normal.

A aula de francês foi chata.

Fiquei depois da aula para o treino de natação, e minha mãe foi me buscar. Ela disse que tinha convidado a sra. Nesbitt para ver o meteoro conosco, mas ela respondeu que preferia assistir de sua casa. Então seríamos apenas Jonny, mamãe e eu para o grande evento. Foi esse o nome que ela deu: o grande evento.

Mamãe também me disse para terminar cedo o trabalho de casa, para que pudéssemos fazer uma festinha depois do jantar. Foi o que fiz. Terminei dois dos trabalhos sobre a Lua, fiz o dever de matemática e, em seguida, jantamos e assistimos à CNN até as 20h30, mais ou menos.

A CNN só falou sobre a Lua. Eles reuniram um monte de astrônomos e dava para ver como eles estavam animados.

— Talvez eu possa ser astrônomo, depois de me aposentar como jogador de beisebol dos Yankees — disse Jonny.

Eu tinha pensado a mesma coisa (bem, não sobre jogar beisebol para os Yankees). Os astrônomos pareciam gostar do seu trabalho. Você podia ver como estavam felizes pelo fato de o asteroide colidir diretamente com a Lua. Eles tinham mapas, projeções de computador e gráficos, mas, na verdade, pareciam crianças grandes no Natal.

Mamãe pegou o telescópio de Matt e encontrou um binóculo muito bom que, de algum modo, estava desaparecido desde o último verão. Ela até assou biscoitos de chocolate para o evento, então saímos com um prato e guardanapos. Decidimos assistir da rua, pois imaginamos que teríamos uma visão melhor se ficássemos na frente da casa. Mamãe e eu levamos cadeiras de praia, mas Jonny resolveu usar o telescópio. Não sabíamos exatamente quanto tempo iria durar o impacto ou se haveria algo emocionante para ver depois.

Parecia que todos os vizinhos estavam do lado de fora hoje à noite. Algumas pessoas faziam churrascos noturnos nas suas varandas, mas a maioria estava na entrada de casa, como nós. A única pessoa que não vimos foi o sr. Hopkins, mas pela claridade na sala de estar eu sabia que ele estava assistindo pela tevê.

Era como uma grande festa no quarteirão. Na nossa rua, as casas eram tão distantes uma da outra que não dava para ouvir muita coisa, apenas um burburinho feliz.

Por volta das 21h30, tudo ficou silencioso. Era possível perceber que todos nós estávamos esticando os pescoços, olhando na direção do céu. Jonny olhava pelo telescópio e foi o primeiro a gritar que o asteroide estava se aproximando. Ele conseguia vê-lo no céu e, então, todos vimos — era a maior estrela cadente que se pode imaginar. Muito menor do que a Lua, mas maior do que qualquer coisa que eu já vira no céu. Parecia que estava em chamas, e todos gritamos animados ao vê-lo.

Por um momento, pensei em todas as pessoas ao longo da história que viram o cometa Halley e que não sabiam o que ele era, apenas que estava lá, causando medo e sendo incrível. Durante um milésimo de segundo, eu poderia ter sido uma garota de 16 anos na Idade Média, ou asteca, ou apache, olhando para o céu e admirando seus mistérios. Durante aquele minúsculo instante, eu fui todas as garotas de 16 anos da história, sem saber o que os céus previam para meu futuro.

E então ocorreu a colisão. Mesmo sabendo o que ia acontecer, foi um choque quando o asteroide realmente bateu na Lua. Na nossa Lua. Naquele segundo, acho que todos percebemos que aquela era Nossa Lua e que, se ela estava sendo atacada, então nós estávamos sendo atacados.

Ou talvez ninguém tenha pensado assim. Sei que a maioria das pessoas na rua celebrou, mas logo todos paramos de comemorar. Uma mulher gritou em alguma das casas depois da nossa e, em seguida, um homem gritou “Ai,

meu Deus!”, e outras pessoas começaram a berrar “O quê? O quê?” como se algum de nós tivesse a resposta.

Sei que todos aqueles astrônomos que eu tinha visto uma hora antes sabem exatamente o que aconteceu, como e por quê, e que explicarão tudo na CNN hoje e amanhã à noite. Acho que continuarão falando disso até a próxima grande notícia ocorrer. Só sei que eu não posso explicar, porque realmente não sei o que aconteceu e nem o porquê.

Mas o céu não exibia mais a metade da Lua. Ela estava inclinada, na posição errada, como se estivesse minguante, e parecia maior, muito maior, maior que a Lua que nasce no horizonte, só que não estava nascendo. Ela estava no meio do céu, grande demais e visível demais. Era possível ver, mesmo sem o binóculo, detalhes das crateras que, antes, eu observava com o telescópio de Matt.

Não era como se um pedaço grande da Lua tivesse voado pelo espaço. Nem como se tivéssemos ouvido o som do impacto ou como se o asteroide tivesse atingido o centro da Lua. Era como quando se jogam bolas de gude e uma delas bate na lateral de outra e a empurra na diagonal.

Ainda era a nossa Lua e ela ainda era apenas uma grande rocha no céu, mas não parecia mais inofensiva. Foi apavorante e dava para sentir o pânico crescer ao nosso redor. Algumas pessoas correram para os carros e foram embora. Outras começaram a rezar ou chorar. Uma família começou a cantar o hino nacional.

— Vou ligar para Matt — disse mamãe, como se fosse a coisa mais natural do mundo a se fazer. — Vamos entrar, crianças. Veremos o que a CNN vai dizer sobre isso tudo.

— Mãe, o mundo vai acabar? — perguntou Jonny, enquanto pegava o prato de biscoitos e enfiava um na boca.

— Não, não vai — respondeu ela, dobrando a cadeira e levando-a para a entrada da casa. — E sim, você tem que ir à escola amanhã.

Nós rimos. Eu estava pensando na mesma coisa.

Jonny pôs os biscoitos de lado e eu liguei a tevê. Mas a CNN não estava no ar.

— Talvez eu esteja errada — observou mamãe. — Talvez o mundo realmente vá acabar amanhã.

— Posso botar na Fox News? — perguntei.

Mamãe estremeceu.

— Não estamos tão desesperados assim — disse. — Tente um dos outros canais. Eles têm seus próprios astrônomos.

A maioria das emissoras estava fora do ar, mas o canal local parecia estar transmitindo a NBC da Filadélfia. Isso também era estranho, pois recebemos o sinal de Nova York.

Mamãe continuou tentando ligar para o celular de Matt, mas sem sucesso. Os repórteres da Filadélfia não pareciam saber muito mais do que nós, mas noticiaram alguns saques e pânico geral nas ruas.

— Veja como estão as coisas lá fora — pediu mamãe, e saí novamente.

Eu podia ver a claridade da tevê da sra. Nesbitt. Ainda estavam rezando no quintal de alguém, mas, pelo menos, a gritaria tinha parado.

Fiz um esforço para olhar para a Lua. Acho que tinha medo que ela tivesse aumentado e que estivesse vindo em direção à Terra para nos esmagar, mas não parecia maior. Ainda estava estranhamente deslocada e inclinada, e parecia muito grande para o céu noturno. E permanecia minguante.

— Meu celular está fora de área — gritou alguém a algumas casas de distância. Pela voz, parecia estar se sentindo como nós quando vimos que a CNN estava fora do ar. A civilização acabou.

— Dê uma olhada no seu celular — falei para mamãe quando voltei para casa e, ao fazê-lo, ela viu que o aparelho também não estava funcionando.

— Acho que os celulares estão fora de área nesta região do país — disse ela.

— Tenho certeza de que Matt está bem — comentei. — Vou ver os e-mails. Talvez ele tenha nos enviado um do laptop.

Então me conectei, ou melhor, tentei, porque não havia conexão com a internet.

— Ele está bem — disse mamãe, quando falei o que tinha acontecido. — Não há razão para pensar que não esteja. A Lua está no lugar certo. Matt vai ligar para nós quando tiver uma chance.

E essa foi a única coisa certa que mamãe falou durante toda a noite, porque cerca de dez minutos depois o telefone tocou, e era Matt.

— Não posso demorar — avisou ele. — Estou falando de um telefone público, e tem uma fila de pessoas me esperando terminar. Só queria avisar que estou bem.

— Onde você está? — perguntou mamãe.

— Na cidade — disse ele. — Quando percebemos que os celulares não estavam funcionando, alguns de nós viemos até aqui para telefonar. Falo com vocês amanhã, quando as coisas estiverem menos confusas.

— Tome cuidado — pediu mamãe, e Matt prometeu que ia tomar.

Acho que foi mais ou menos nessa hora que Jonny perguntou se podíamos ligar para papai e minha mãe começou a tentar falar com ele. Mas as linhas telefônicas estavam todas ocupadas. Pedi que ela ligasse para vovó em Las Vegas, mas também não conseguimos.

Sentamos na frente da tevê para ver o que estava acontecendo no resto do mundo. Mamãe e eu levantamos exatamente no mesmo momento para pegar biscoitos de chocolate na cozinha, o que foi engraçado. Eu fui mais rápida e trouxe os biscoitos para a sala. Todos começamos a devorá-los. Mamãe comia um biscoito, relaxava durante alguns instantes, e, em seguida, se levantava e tentava ligar para o papai e a vovó. Jonny, que costuma controlar a quantidade de açúcar que ingere, ficou apenas enfiando biscoitos na boca. Eu teria comido uma caixa inteira de chocolates se tivesse alguma em casa.

A conexão da tevê ia e vinha, mas não conseguimos mais sintonizar as emissoras a cabo. Finalmente, Jonny pensou em pegar um rádio e nós o ligamos. Não conseguimos ouvir as estações de Nova York, mas as da Filadélfia tinham um sinal bom.

Primeiro, ninguém parecia saber muito mais que nós. A Lua foi atingida, como tinham avisado. Mas algo saía errado.

Antes que algum astrônomo pudesse aparecer e explicar às pessoas o que deu errado, houve um comunicado. Primeiro, ouvimos pelo rádio, mas depois o sinal da tevê melhorou o suficiente para vermos as imagens, e o desligamos.

O jornalista que estava transmitindo as notícias deve ter ouvido o comunicado no seu ponto eletrônico, pois empalideceu e então falou: “Tem certeza? Isso foi confirmado?”, fazendo silêncio durante alguns instantes para ouvir a resposta. Em seguida, virou o rosto para a câmera.

Mamãe apertou minha mão e a de Jonny:

— Tudo vai ficar bem — afirmou ela. — Seja o que for, sairemos dessa.

O jornalista limpou a garganta, como se ganhar alguns segundos fosse mudar o que ele tinha a dizer.

— Estamos recebendo relatórios de tsunamis por toda a parte — informou ele. — As marés. Como muitos sabem, a Lua controla as marés. E a Lua, bem, seja o que for que aconteceu nesta noite, às 21h37, e nós ainda não sabemos o que realmente aconteceu, mas o que quer que tenha sido, afetou as marés. Sim, sim, ouvi isso. As marés parecem estar muito acima do nível normal. As notícias que chegam vêm de pessoas em aviões que sobrevoavam o oceano na hora. Inundações massivas foram vistas em toda a costa leste. Algumas notícias foram confirmadas, mas todas as informações são preliminares. Algumas vezes, você ouve o pior e as coisas não são bem assim. Um segundo.

Pensei rapidamente em quem eu poderia conhecer na costa leste. Matt está em Ithaca e papai, em Springfield. Nenhum dos dois está próximo do oceano.

— Nova York — disse mamãe. — Boston.

Ela tem editores nas duas cidades e costuma ir até lá tratar de negócios.

— Tenho certeza de que todos estão bem — assegurei. — Amanhã você entra na internet e envia e-mails para todos para saber como estão.

— Certo, já temos uma confirmação — afirmou o jornalista. — Há informações sobre ondas gigantes, de seis metros ou mais, em Nova York. A energia elétrica foi interrompida na região, então os dados estão incompletos. A maré não parece diminuir. A Associated Press informou que a Estátua da Liberdade foi levada pelo mar.

Mamãe começou a chorar. Jonny olhava para a tevê como se o noticiário fosse transmitido em uma língua estrangeira.

Levantei-me e tentei ligar novamente para papai. Em seguida, para vovó. Mas tudo que eu ouvia era o sinal de ocupado.

— Temos notícias não confirmadas de que toda a região de Cape Cod foi inundada — disse o repórter. — Mais uma vez, não temos a confirmação. Mas a Associated Press informou que Cape Cod — ele fez uma breve pausa e engoliu em seco —, que Cape Cod está totalmente submersa. Isso também parece ter acontecido com as ilhas na costa da Carolina. Simplesmente desapareceram. — O jornalista fez silêncio novamente para ouvir o que estava sendo dito no ponto. — Certo. Temos a confirmação de danos em massa em Miami. Muitas mortes, muitas vítimas.

— Não sabemos se o que ele diz é verdade — ponderou mamãe. — Podem ter exagerado. Amanhã de manhã, iremos descobrir que nada aconteceu. Ou, se aconteceu, não foi tão ruim quanto pensaram que era. Talvez devamos desligar a tevê agora e esperar até amanhã para ver o que realmente aconteceu. Podemos estar nos assustando à toa.

Mas ela não desligou a tevê.

— Não há como saber o número de mortos — disse o jornalista. — Os satélites de comunicação não estão funcionando. As linhas telefônicas estão desligadas. Estamos tentando entrar em contato com um astrônomo de Drexel para que venha ao nosso estúdio e nos diga o que acha que está acontecendo. Mas, como vocês podem imaginar, os astrônomos estão bastante ocupados agora. Certo. Parece que estamos recebendo o sinal da rede nacional novamente, portanto vamos cortar para o estúdio principal para as informações ao vivo.

E, de repente, lá estava o âncora da NBC, parecendo tranquilizador, profissional e vivo.

— Esperamos um pronunciamento da Casa Branca em alguns instantes — disse. — As primeiras notícias são de danos em massa em todas as principais cidades da costa leste. Estamos transmitindo de Washington, D.C. Não conseguimos entrar em contato com a nossa sede em Nova York durante a última hora. Mas estas são as informações que temos. Tudo que irei noticiar foi verificado por duas fontes.

Era como uma daquelas listas no rádio que informam sobre o fechamento das escolas por causa da neve. Mas, em vez de serem apenas os distritos escolares da região, eram cidades inteiras. E não era apenas neve.

— A cidade de Nova York sofreu danos graves — continuou. — Staten Island e a parte leste de Long Island estão totalmente submersas. Cape Cod, Nantucket e Martha's Vineyard não estão visíveis. Providence e Rhode Island, na verdade, a maior parte de Rhode Island, não podem mais ser vistas. As ilhas na costa das Carolinas desapareceram. Miami e Fort Lauderdale estão sendo destruídas. Parece não haver calma. Acabamos de confirmar inundação em massa de New Haven e Atlantic City. Acredita-se que as vítimas na costa leste são centenas de milhares. Naturalmente, é muito cedo para dizer se esse número é exagerado. Apenas podemos rezar para que seja.

E então, do nada, apareceu o presidente. Mamãe o odeia tanto quanto odeia a Fox News, mas ela continuou sentada, hipnotizada.

— Estou fazendo este pronunciamento para vocês do meu rancho no Texas — informou ele. — Os Estados Unidos sofreram sua pior tragédia. Mas nós somos uma grande nação, teremos fé em Deus e estenderemos uma mão amiga a todos que precisarem.

— Idiota — resmungou mamãe, e ela soou tão normal que começamos a rir.

Levantei novamente e tentei telefonar, sem sucesso. Quando voltei, mamãe já tinha desligado a tevê.

— Estamos bem — disse ela. — Estamos no interior. Vou deixar o rádio ligado para ouvir se houver um aviso para evacuarmos a região, mas não acho que haverá. E, sim, Jonny, vocês têm que ir à escola amanhã.

Desta vez, não achamos graça.

Dei boa-noite e fui para o quarto. Deixei o rádio-relógio ligado e continuo ouvindo as notícias. As ondas parecem ter diminuído na costa leste, mas agora dizem que a região do Pacífico também foi afetada: São Francisco foi a primeira cidade, segundo informaram, e estavam preocupados com Los Angeles e San Diego. Havia notícias de que o Havaí desapareceu, bem como partes do Alasca, mas ninguém pode confirmar isso ainda.

Somente agora olhei pela janela. Tentei olhar para a Lua, mas estou com medo.

TRÊS



19 de maio

Acordei por volta das 6h com o som do telefone tocando. Vesti rapidamente o roupão e fui para o quarto de minha mãe.

— É seu pai — disse ela, me passando o fone.

Logo depois que mamãe e papai se separaram, cismeiei que nunca mais o veria ou ouviria falar dele. Por isso, sempre que ele ligava, eu me sentia ridiculamente aliviada. Foi assim que me senti na hora, como se um peso de centenas de quilos fosse tirado de meu estômago.

— Você está bem? — perguntei. — E Lisa? Ela está bem?

— Estamos bem — respondeu ele. — Sua mãe disse que está tudo bem onde vocês estão e que falaram com Matt ontem à noite.

— Isso mesmo — confirmei. — Tentamos várias vezes falar com você e com a vovó ontem, mas as linhas estavam todas ocupadas.

— Consegui falar com ela tarde da noite — contou papai. — Ela está bem. Um pouco abalada, mas isso é natural. Nós temos sorte, Miranda. Todos sobrevivemos sem problemas.

— Eu me sinto como se estivesse sonhando — disse. — Como se eu ainda estivesse dormindo e quando acordar nada disso terá acontecido.

PRÉVIA GRATUITA · OFERTA POR TEMPO LIMITADO

Você chegou ao fim desta prévia.

Continue lendo "A vida como ela era - vol. 1"
e mais de 1 milhão de livros — de graça por 30 dias.

★★★★★ Mais de 1 milhão de leitores já aproveitam

Com o Kindle Unlimited, sua leitura não tem fim:

- ✓ Leia à vontade — explore mais de 1 milhão de títulos sem pagar por livro.
- ✓ Leve para qualquer lugar — baixe o app gratuito e leia onde e quando quiser.
- ✓ Em qualquer tela — celular, tablet, computador ou Kindle — você escolhe.
- ✓ Grandes autores — best-sellers e novos talentos, inclusive títulos em inglês.

COMEÇAR MEUS 30 DIAS GRÁTIS

Cobrança só após o período grátis.

- ✓ Pagamento seguro
- ✓ Acesso imediato
- ✓ Cancele quando quiser

Não precisa ter um Kindle: baixe o app gratuito e comece a ler agora.

Se não quiser ler no aplicativo Kindle, compre o livro [clikando aqui](#).